

# Na Argentina, começou o ajuste

**HUGO MARTINEZ**  
**Nosso correspondente**

**BUENOS AIRES** — Desde o dia primeiro o presidente argentino, Raúl Alfonsín, colocou em prática o plano de ajuste econômico, anunciado perante uma multidão concentrada em frente ao Palácio do Governo no último dia 26. As medidas mais importantes são: aumentos da ordem de 30% para as tarifas de serviços públicos e comunitários; incrementos de 4 pontos percentuais nas taxas de juros, que agora são de 30 e 32% mensais para depósitos e empréstimos, respectivamente; e manutenção dos reajustes salariais com base em 90% da inflação do mês anterior.

"Não podemos estar seguros se o ajuste começa neste mês", disse ao Estado um importante banqueiro estrangeiro. Ao mesmo tempo em que o governo procura conter o déficit fiscal através de um aumento nas tarifas públi-

cas, incrementa as taxas de juros com o propósito de diminuir a demanda de bens, o que aumenta a disponibilidade de divisas para o pagamento da dívida externa. Porém, as altas taxas de inflação se convalidam a partir do aumento dos salários, e é neste ponto que se coloca em dúvida todo o combate antiinflacionário.

Analistas econômicos locais destacaram a aparente dicotomia entre o discurso do presidente Alfonsín na Praça de Maio e a exposição de uma hora e meia no Parlamento, no Dia do Trabalhador. O primeiro discurso foi escrito sob influência do ministro da Economia, Juan Sourrouille, que pressionado pela conjuntura e pela impossibilidade de um acordo de contas com o FMI, recorreu à expressão "economia de guerra" para demonstrar a destruição que evidencia o aparato produtivo do país. Já no discurso frente à Assembleia Legislativa predominou uma li-

nha mais política e menos preocupada com as urgências do cotidiano.

"Em princípio — disse um assessor da presidência do Banco Central, essa bateria de medidas tem sido considerada pelo FMI como o início de execução do programa, implicando que em curto prazo estará em caixa a segunda parcela do stand-by à Argentina e já no final deste mês deverá chegar a primeira parcela dos US\$ 4,2 milhões, que serão destinados pelos bancos credores para o refinanciamento da dívida.

O presidente Alfonsín, ao referir-se a "economia de guerra", talvez estivesse pensando na economia alemã de 1922, quando a hiperinflação ao lado de uma enorme dívida externa, originada no pagamento de "compensações" de guerra, motivou a aplicação de um plano de ajuste que deixou sem trabalho milhões de pessoas e serviu como prelúdio à subida de Hitler ao poder.